

5

Considerações finais

A busca por entendimentos sobre minha prática profissional dentro do grupo de supervisoras acadêmicas de uma instituição de ensino de inglês como língua estrangeira foi o ponto de partida para esta pesquisa. Como pesquisadora praticante, inserida no contexto e membro integral da comunidade de prática em questão, me propus entender melhor nosso dia-a-dia no trabalho, focando principalmente o *backstage* da supervisão acadêmica. A partir dessa perspectiva privilegiada, pude monitorar os diferentes tipos de interação que constituem nossa prática dentro e fora da instituição para investigar a ‘faceta privada’ do trabalho das supervisoras acadêmicas. A reflexão sobre os dados gerados permitiu-me entender melhor como se dá a interação dentro de nosso grupo, e, no processo, desvelar questões que permeiam o discurso que produzimos enquanto nos engajamos em nosso trabalho.

5.1

Alguns entendimentos

A preocupação em desenvolver uma linguagem compartilhada por todas as supervisoras é expressa em vários momentos de nossa interação. O tempo que dedicamos a discussões sobre nosso posicionamento teórico, ou em busca de argumentos sólidos que embasem nossas decisões indica que temos a consciência desse objetivo comum. Para nós, não parece ser suficiente que cada uma saiba porque o grupo tomou uma determinada atitude ou decisão; é preciso que as razões sejam explicitamente compartilhadas por todas. Na verdade, um repertório compartilhado é construído naturalmente pelo grupo, enquanto nos engajamos em atividades e interagimos dentro de nossa comunidade de prática. Em nossa interação, vejo a busca explícita por uma unificação de pensamentos e atitudes revelando o desejo de nos apresentarmos como um grupo coeso e competente, o que fortaleceria a credibilidade das ações e decisões de nosso grupo dentro da instituição. A valorização de nosso trabalho dentro da instituição parece ser uma meta comum na qual o grupo se engaja tanto explícita quanto implicitamente,

aparecendo, portanto, como uma característica marcante de nossa atuação no *backstage* de nossa prática diária.

Um outro aspecto importante que identifiquei ao analisar os dados gerados no curso desta pesquisa diz respeito à construção de identidade do nosso grupo. O conflito que vivenciamos enquanto buscamos definir o que significa sermos supervisoras acadêmicas nessa instituição emerge nas mudanças de alinhamento em nosso discurso. Conscientemente, reivindicamos uma identidade de professoras e relutamos em assumir o papel da administração. Nosso discurso, no entanto, aponta que a realidade de nossa prática não permite um posicionamento tão simplista. A tentativa de atribuir à experiência de ‘ser supervisora acadêmica’ uma identidade única, claramente definida pode ser frustrante quando confrontada com a realidade de uma identidade fluida, construída a partir de nossas múltiplas experiências de participação e não participação em diferentes comunidades de prática.

As fronteiras entre as comunidades de prática das quais participamos dentro da instituição se misturam e se confundem. Conforme Wenger aponta (1998), manter uma identidade através dessas fronteiras exige trabalho. No nosso caso, estamos ainda tentando conciliar essas experiências, em um processo que envolve não somente aprendermos a ‘fazer’ supervisão acadêmica, mas também desenvolvermos a capacidade de lidar com os diferentes significados de ‘sermos’ supervisoras acadêmicas.

A reflexão que empreendi ao longo deste estudo ajudou-me a perceber que quanto mais lutamos para definir nosso papel dentro da instituição, mais nos distanciamos daquilo que realmente nos define, pois como Wenger ressalta: “o multipertencimento [a diferentes comunidades de prática] e o trabalho de conciliação são intrínsecos ao próprio conceito de identidade.” (Ibid.:161). Por isso, aceitar que nosso trabalho envolve múltiplas dimensões que nos obrigam a transitar entre diferentes comunidades de prática, em um processo nem sempre harmonioso, é o primeiro passo para lidarmos com o conflito que vivemos na construção da identidade do grupo de supervisoras acadêmicas.

A opção por orientar este estudo pelos princípios da Prática Exploratória levou-me a transformar minha prática diária em uma constante busca por oportunidades de gerar entendimentos. Minhas colegas foram envolvidas no estudo não somente como fonte de ‘dados’, mas também no processo de reflexão

que acompanhou a análise das interações registradas. Como resultado dessa abordagem exploratória, desenvolvemos um olhar mais curioso e sensível sobre nossa prática como supervisoras acadêmicas. Como mostra a seção 4.7, ao compartilhar com o grupo minha percepção sobre os registros de nossa interação, acredito ter promovido uma oportunidade de refletirmos sobre a prática que se molda no nosso discurso e o discurso que constitui nossa prática.

5.2

Algumas contribuições

Uma das razões que embasam minha crença na pesquisa do praticante é o fato de que os entendimentos alcançados nesse tipo de pesquisa podem ter um reflexo imediato sobre a situação estudada. No caso deste estudo, acredito que a contribuição mais relevante para o nosso grupo de supervisoras acadêmicas tenha sido a oportunidade de desvelarmos os processos que subjazem nosso trabalho e os significados que construímos em nossa prática diária, através do olhar exploratório.

Envolvidas no estudo, minhas colegas não só acolheram a idéia como demonstraram interesse em entender mais profundamente o que acontece enquanto ‘fazemos supervisão’. O grupo, que já apresentava forte inclinação para a reflexão, abraçou as oportunidades de discutir abertamente nosso próprio discurso e explorar nossa prática. Os momentos de interação que caracterizavam nossa prática ganharam uma nova dimensão a partir do momento em que enxergamos o potencial exploratório em nossas conversas no dia-a-dia do trabalho. A cada um desses momentos, assim como durante as CEPES (Conversas-Entrevista com Potencial Exploratório), quando conversei com as supervisoras individualmente, tive uma oportunidade única de ouvi-las e conhecer mais sobre a história de cada uma. A conversa durante o almoço, quando compartilhei meus primeiros entendimentos sobre os registros da reunião sobre o curso avançado, foi um momento marcante de tomada de consciência do grupo que repercutiu durante muitas outras conversas posteriores àquele encontro. Desde 2002, quando comecei a fazer parte do grupo, nunca havia me sentido um membro tão integral dessa comunidade de prática. Enfim, o processo de trabalhar para o entendimento de nossa prática, contribuiu para a intensificação de minha

participação nessa comunidade, proporcionando uma grande mudança na minha qualidade de vida dentro do grupo.

Este estudo proporcionou-me também a oportunidade de assumir uma postura reflexiva em relação à minha prática, ao mesmo tempo em que me aprofundava cada vez mais no ‘fazer supervisão acadêmica’, adotando uma atitude exploratória. Ao trazer minhas colegas comigo nesta jornada exploratória, creio ter proporcionado também ao grupo a chance de trabalhar em conjunto para entender nossa própria prática. E, de acordo com os princípios da PE, acredito que tenhamos plantado uma semente que pode garantir que essa busca por entendimentos continue além desta pesquisa, transformando nossa inclinação reflexiva em uma atitude exploratória integrada à nossa prática diária.

Se por um lado, a opção pela Prática Exploratória foi uma questão filosófica, definida desde o primeiro momento desta pesquisa, por outro, acrescentou um desafio a mais a esse projeto. Estabelecida como um paradigma de pesquisa do praticante, realizada principalmente por professores, dentro da sala de aula, a PE ainda está construindo sua identidade acadêmica, e vem sendo incorporada ao gênero mestrado ou doutorado por praticantes exploratórios em busca de qualificações em níveis de pós-graduação. Com este estudo, acredito ter contribuído para fortalecer a PE como um conjunto de princípios que podem embasar pesquisas acadêmicas não somente dentro da sala de aula, mas em qualquer contexto social. Reforço, portanto, o argumento de Allwright a favor de novas pesquisas acadêmicas orientadas pelos princípios da PE, que permitam relacionar teoria e princípios globais a contextos socialmente situados. É somente através de experiências localizadas na nossa própria prática que poderemos rever e, como praticantes, questionar esses princípios, uma vez que os mais profundos entendimentos são aqueles alcançados por praticantes reais inseridos no contexto estudado, e estão, muitas vezes, além das palavras:

Nós podemos pensar que um dia encontraremos uma maneira de capturar entendimentos tão ‘profundos’ em palavras, e, enquanto isso, podemos fazer o possível para refinar as formas de expressar nossos entendimentos, mas provavelmente seria sensato não sermos muito otimistas quanto às chances de sucesso absoluto. (Allwright,2003c)